

INTERCULTURALIDADE E LITERATURA DE ALMANAQUES: O CASO DO *ALMANAQUE* *ABRIL* (1975-2006)¹

Mateus H. F. Pereira

Resumo

No presente texto, procuramos refletir sobre a interculturalidade lançando o olhar para uma publicação que pode ser considerada um dos maiores sucessos editoriais do mercado brasileiro contemporâneo: o *Almanaque Abril* (1975-2006). Conforme mostraremos, a literatura de almanaque nos parece ser uma fonte privilegiada para a apreensão de certas “culturas híbridas”, uma vez que sua própria definição é caracterizada pelo hibridismo.

Palavras-chave: Literatura de almanques; hibridação; *Almanaque Abril*.

INTERCULTURALITY AND LITERATURE OF ALMANACS: THE CASE OF *ALMANAQUE ABRIL* (1975-2006)

Abstract

In this present text we want to reflect about the interculturality, analyzing one publication, the *Almanaque Abril* (1975-2006), that could be considered one of the most editorials success of Brazilian contemporary market, because it sold approximately 100 thousands almanacs per year, between 1975 and 2006. As we will say, the almanac literature seems to be a privileged source to get some "hybrid cultures", because this type of literature is for definition hybrid.

Keywords: Almanac literature; hybridization; *Almanaque Abril*.

¹Agradecemos o auxílio financeiro da CAPES. Esse artigo é uma versão modificada da tese de doutorado em História denominada “A Máquina da Memória”: História, Evento e Tempo Presente no *Almanaque Abril* (1975-2006), defendida junto ao doutorado em História pela UFMG sob orientação da professora doutora Eliana Dutra.

INTERCULTURALIDAD Y LITERATURA DE
ALMANAQUES: EL CASO DEL *ALMANAQUE ABRIL*
(1975-2006)

Resumen

En el presente texto, procuramos reflexionando sobre la interculturalidad lanzando una mirada para una publicación que puede ser considerada uno de los mayores sucesos editoriales del mercado brasileiro contemporáneo: el *Almanaque Abril* (1975-2006). Conforme mostraremos, la literatura de almanaque nos parece ser una fuente privilegiada para la aprensión de ciertas “culturas híbridas”, una vez que su propia definición es caracterizada pelo hibridismo.

Palabras clave: Literatura de almanaques; hibridación; *Almanaque Abril*.

INTERCULTURALITÉ ET LITTÉRATURE
D'ALMANACH: LE CAS DE L'*ALMANACH AVRIL*
(1975-2006)

Résumé

Dans cet texte, on a cherché à réfléchir à l'interculturalité tout en observant une publication qui peut être considérée comme un des plus grands succès éditoriaux du marché brésilien contemporain: l'*Almanaque Abril* (1975-2006). Selon ce qu'on montrera, la littérature d'almanach paraît constituer une source privilégiée pour l'apréhension de certaines “cultures hybrides”, étant donné que sa définition elle-même se caractérise par l'hibridisme.

Mots-clés: Littérature d'almanach; hibridation; *Almanaque Abril*.

Acreditamos que livros como os almanaques de atualidades, presentes na maior parte dos países, no fim século XX, são herdeiros de uma das tradições da literatura de almanaques, isto é, são “atualizações” de um subgênero da “antiga” literatura dos almanaques urbanos enciclopédicos. Articuladas em torno dos eventos e da atualização de dados do ano que se findava, essas obras não perderam uma das características simbólicas da literatura de almanaque: mostrar e lembrar que o tempo passa, e os anos se sucedem. Cremos, assim, que o gênero editorial² foi “reinventado” por algumas obras contemporâneas de referência anual de caráter geral, de modo que a palavra *almanaque* ainda designa alguns impressos deste tipo em países como Inglaterra, México, Colômbia, Canadá e Estados Unidos³.

Como essas obras de referência tinham apenas um volume, os textos eram mais curtos do que em uma enciclopédia. Na verdade, essas publicações híbridas se encontravam em uma encruzilhada de gêneros: *um livro do ano das enciclopédias*, ou seja, um livro que atualizava as informações e fazia um resumo, uma resenha e uma cronologia dos acontecimentos “mais relevantes” do ano que terminava; um *manual*, dado que havia conteúdos de vulgarização científica e de utilização didática; um *anúário estatístico*, porque continha muitos dados e tabelas; um *atlas*, dado o conjunto de mapas, gráficos e bandeiras; uma publicação

² Para uma definição da literatura de almanaque como um gênero editorial, ver LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. L'almanach: structure et évolution d'un type d'imprimé populaire en Europe et dans les Amériques. In: MICHON, Jacques; MOLLIER, Jean-Yves. *Les Mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIe siècle à l'an 2000*. Québec: les Presses universitaires de Laval/Paris, L'Harmattan, 2001, p. 432-441.

³ Alguns exemplos de obras de referência anuais e contemporâneas ao *Almanaque Abril: Almanaque Mundial* (México), *Almanaque Anual* (Colômbia), *Canadian Global Almanac* (Canadá); *The CBS News Almanac* (Estados Unidos), *The All Street Journal Almanac* (Estados Unidos), *The World Almanac: and book of facts* (Estados Unidos), *The New York Times Almanac: The Almanac of Record* (Estados Unidos), *Whitake's Almanack* (Inglaterra).

biográfica; ainda, uma *enciclopédia*, porque pretendia dar conta “de todo o conhecimento”⁴.

A literatura de almanaque nos parece ser uma fonte privilegiada para a apreensão de certas “culturas híbridas”, pois esse tipo de literatura é, por definição, híbrida. Desse modo, a partir de uma entrada precisa – o *Almanaque Abril* (1975-2006) – pretendemos contribuir para o debate em curso sobre os processos de hibrismo cultural nas sociedades latino-americanas, em especial na sociedade brasileira⁵. Entendemos que pensar sobre alguns processos interculturais no mundo contemporâneo implica em refletir sobre a dinâmica de determinados produtos culturais considerados “massivos”. Nesse sentido, o *Almanaque Abril* (1975-2006), publicação que vende mais de 100 mil exemplares anuais desde 1975, será a escala que privilegiaremos.

Almanaque: um gênero híbrido

Até o século XIX, os almanaques foram, depois da Bíblia, um dos principais impressos do ocidente. Dada a sua origem remota, sua larga difusão e sua longevidade, não é fácil definir esse gênero editorial. De qualquer maneira, concordamos que o termo *almanaque* é utilizado, desde meados do século XVII, para designar diversas publicações articuladas em torno do

⁴ Ver SILBERGER, Kathryn Kemp. *Obras de Referência*. Florianópolis: UFSC, 1991.

⁵ Para uma análise dos processos interculturais contemporâneos nas sociedades latino-americanas e sobre o conceito de “culturas híbridas”, ver CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2006. Ver, também, JUNIOR, Benjamin Abdala (org.). *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & Outras Misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004. Sobre a utilização de “pequenas entradas” para se pensar processos mais amplos, ver REVEL, Jaques. Apresentação. In: REVEL, Jaques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998 e RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

calendário⁶. Os primeiros almanaques seriam boletins “meteorológicos” com instruções sobre os locais onde as caravanas poderiam parar⁷.

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, ao definir a palavra *Almanaque*, relata uma lenda:

(...) quâsi tão velha como o Mundo, segundo a qual o primeiro almanaque fôra elaborado por dois filhos de Seth, nas vésperas do Dilúvio. Conhecendo as tentações de Deus, os dois videntes angustiaram-se ante a próxima perda de tôda a Ciência, que tão penosamente havia sido acumulada desde o Paraíso. Decidiram por fim arquivar, gravando em matéria imperecível, tôda a ciência que possuíam. Durante três dias e três noites gravaram sobre o granito e sôbre o tejôlo o *Livro de Todo-o-Saber*, que era nada mais nada menos, que o nosso *Almanaque* com a divisão do tempo, o nascimento do Sol, as inconstâncias da Lua, a violência dos ventos e a previsão das tempestades⁸.

A idéia de ser um *Livro de Todo-o-Saber* acompanha esse tipo de impresso, afinal, um almanaque contém, segundo Eça de Queirós, essas verdades iniciais que a humanidade necessita rememorar, para que a sua existência, entre uma Natureza que a não favorece e a não ensina, se mantenha, se regularize, e se perpetue⁹. Para Machado de Assis, “o Tempo inventou o

⁶ DUTRA, Eliana. *Rebeldes Literários da República: História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. Ver, também, BOLLÈME, Geneviève. *Les Almanachs populaires aux XVII et XVIII siècles*. Essai d’Histoire Sociale. Montou, 1969.

⁷ Para Casa Nova, a palavra pode ter várias origens, ver CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque*. Um Estudo Semiótico. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

⁸ GRANDE ENCICLOPÉDIA Portuguesa e Brasileira. Lisboa. S/data. V. 2, p. 23.

⁹ Eça de Queirós citado em DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *História e Memória nos Almanques Luso-brasileiros*. Escravidão, Abolição e Uma

almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão somente os dias, as semanas, os meses e os anos. (...). O Tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida”¹⁰.

Na Idade Média, essas publicações ligavam-se aos devocionários e, após a invenção da imprensa, sábios, médicos e astrólogos criaram vários almanaques para difundir suas visões de mundo. Após o século XVII, diversas publicações passaram a ser denominadas *almanaques*. Em geral, eram anuais e apresentavam o calendário, informações diversas e úteis. No século XVIII, a astrologia perde espaço para a história e a ciência¹¹. Ilustrados com signos, figuras e imagens, o almanaque reunia e oferecia um saber para todos¹².

Os almanaques considerados “populares” tiveram um mesmo ancestral comum, o *Le Grand Calendrier et Compost des Bergers*, de 1491¹³. O modelo desse tipo de publicação é o mais antigo e o mais durável, sendo, conforme mostram os estudiosos do tema, endereçado a um público essencialmente rural e camponês¹⁴. Os textos sobre agricultura, medicina, predições

Geografia do Esquecimento. *Actas das sessões temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Lisboa, 1996, p. 313.

¹⁰ ASSIS, Machado de. Como se inventaram os Almanagues. Disponível em: www.biblio.com.br. Acessado em 11/10/2005.

¹¹ Ver BOLLÈME, Geneviève. *Les Almanachs populaires aux XVII et XVII siècles*. Essai d’Histoire Sociale. Montou, 1969.

¹² LE GOFF, Jaques. Calendário. In: *Memória-História. Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda, Imprensa Nacional, 1984.

¹³ BOLLÈME, Geneviève. *Les Almanachs populaires aux XVII et XVII siècles*. Essai d’Histoire Sociale. Montou, 1969, p. 16.

¹⁴ MOLLIER, Jean-Yves. Les éditeurs d’almanach au XIX siècle. In: LÜSEBRINK, H.-J.; MIX, Y.-G.; MOLLIER, J.-Y; e SOREL, P. Sorel (Dir.). *Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques (XVIIe-XXe siècle)*, Bruxelles: Complexe, 2003, p. 13. Ver, também, LÜSEBRINK, Hans Jürgen. “La littérature des almanachs: réflexions sur l’anthropologie du fait littéraire”.

meteorológicas, política, astronomia, astrologia e história eram um prolongamento do calendário. Esses almanaques eram estruturados a partir de quatro funções básicas: *informações práticas, calendário, narração histórica e variedades*.

Desde muito tempo, esse gênero editorial foi formado de vários sub-gêneros que freqüentemente se mesclavam de diversas formas. Os almanaques endereçados a um público rural eram apenas parte dessa tradição: “para responder à demanda por informações úteis ou simplesmente cativantes, os editores (nos séculos XVII e XVIII) experimentaram todas as fórmulas que este gênero editorial eclético permitia”¹⁵. Encontravam-se, a partir do fim do século XVII, almanaques para todas as classes sociais, para todos os interesses e níveis culturais¹⁶.

Portanto, o almanaque foi um gênero editorial suscetível de se adaptar a conteúdos e formas múltiplas. Qualificá-los de “populares” e/ou “eruditos” é uma prática reducionista dos usos e dos processos de hibridação que caracterizam os almanaques. Não sem motivo, a forma almanaque pode ser comparada ao mito grego de Proteu¹⁷. Na mitologia grega, esse deus marinho, filho de Netuno e de Tétis, tinha como função guardar animais do mar que pertenciam ao pai. Possuía o dom da profecia, mas, para obtê-lo, era necessário que fosse acorrentado enquanto dormia. Assim, a partir daquele instante, ele transformava-se em animais, vegetais,

En: CAMBRON, Micheline e LÜSEBRINK, Hans-Jürgen (Dir.). *Études françaises*, vol. 36, n° 2-3, « Presse et littérature », printemps/automne 2000, p. 47-64.

¹⁵ BRAIDA, Lodovica. Les Almanachs Italiens. Evolucion et Stéréotypes d'un Genre (XVI-XVIIe. Siècles). In: CHARTIER, Roger et LÜSEBRINK, Hans-Jürgen (org.). *Colportage et Lecture Populaire*. Imprimés de Large Circulation en Europe XVIe.-XIXe. Siècles. Paris: IMEC Édition, 1996, p. 183-208, p. 200.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Ver SARRAZIN, Veronique. *Les Almanachs parisiens au XVIIIe siècle: production, commerce, culture*. Thèse de l'Université de Paris I, sous la dir. De D. Roche, 1997.

fogo e água. Caso o interessado em saber o futuro não se assustasse e o mantivesse preso, ele retornava à forma original e respondia a todas as questões.

Permanência de um sub-gênero da literatura de almanaques

Tendemos a acreditar que, a partir do contato com o campo do jornalismo, os almanaques dos tipos estatísticos, genealógicos, científicos e/ou enciclopédicos se tornaram, em um lento processo, obras de referência de caráter genérico, de um único volume. Esse movimento se deu com o intuito de transformá-los em um guia de cultura geral. Além de apresentarem uma resenha do ano que passou, divulgavam também informações pontuais, dados e estatísticas do “mundo-como-um-todo”. Este processo, que poderia ser entendido como a intensificação da metamorfose do gênero editorial, iniciada no século XVIII¹⁸, está ligado ao desenvolvimento da globalização¹⁹.

Esses “novos” almanaques guardam alguns traços dos almanaques urbanos e enciclopédicos que surgiram na França, no século XVIII, com a publicação do *Almanach Royal* e do *Calendário de la Cour*, ambos de 1700, destinados ao público burguês e citadino. Veronique Sarrazin identificou, nesse país, de

¹⁸ BRAIDA, Lodovica. Les Almanachs Italiens. Evolucion et Stéréotypes d'un Genre (XVI-XVIIe. Siècles). In: CHARTIER, Roger et LÜSEBRINK, Hans-Jürgen (org.). *Colportage et Lecture Populaire*. Imprimés de Large Circulation en Europe XVIe.-XIXe. Siècles. Paris: IMEC Édition, 1996, p. 183-208, p. 200.

¹⁹ Para Rolan Robertson, o conceito de globalização deve ser aplicado a “uma série específica de desenvolvimentos relacionados com a *estruturação concreta do mundo-como-um-todo*”. ROBERTSON, Roland. Globalização: Teoria Social e Cultura Global. In: FEATHESTONE, Mike. *Cultura Global*. Petropólis: Vozes, 1994, p. 28. (Grifo no original).

1700 a 1789, 1200 títulos deste sub-gênero²⁰. Estas publicações eram diferentes dos almanaques ditos “populares”, e mesmo seus editores utilizaram diversas estratégias para distinguir essas “novas” publicações dos almanaques considerados “populares”. Desse modo, de acordo com os processos de hibridação a que estavam sujeitos este tipo de almanaque, havia a tentativa de mesclar o “popular”, o “erudito” e o “massivo”.

Talvez a obra mais importante do sub-gênero de almanaques urbanos enciclopédicos tenha sido a obra produzida na Alemanha denominada *Almanach de Gotha*, cujo primeiro exemplar data de 1763. Possivelmente, essa foi uma das publicações mais conhecidas a disponibilizar dados do “mundo-como-um-todo”. Era editada em francês e alemão. Progressivamente, a publicação tornou-se uma fonte de consulta diplomática. Ela abandonou as variedades (até 1827 há artigos deste tipo) e se especializou em outros assuntos, como na *crônica do ano que passou* (a partir de 1793), com os principais eventos de vários países do mundo; nas *estatísticas* sobre os países e questões geográficas mundiais (o primeiro quadro estatístico dos principais Estados da Europa data de 1787); e nas *histórias das casas dinásticas* (presente desde o primeiro número). No final do século XIX, a publicação se especializou em questões genealógicas.

Possivelmente sofrendo forte influência da obra produzida na cidade de Gotha (e de outras similares), foi publicado, em 1868, nos Estados Unidos, pelo jornal *New York World*, o *The World Almanac: and book of facts*. Este almanaque tinha a intenção, pelo menos desde 1886, de ser uma obra de referência de caráter geral com informações estatísticas sobre todos

²⁰ SARRAZIN, Veronique. *Les Almanachs parisiens au XVIIIe siècle: production, commerce, culture*. Thèse de l'Université de Paris I, sous la dir. De D. Roche, 1997.

os países do mundo e sobre, em particular, os Estados Unidos²¹. A contra-capa do almanaque americano, para o ano de 1978, afirmava que o anuário era o livro mais vendido do mundo, após a Bíblia. Outra contra-capa, para o ano de 1999, continha frases de vários jornais e personalidades que destacavam a importância da publicação. Em uma destas, Jimmy Carter, ex-presidente dos E.U.A., afirmava: “como um cidadão comum, Governador, e Presidente, eu tenho necessitado do *The World* para informações precisas e seguras – e para entretenimento”.

Ao longo do século XX, nos Estados Unidos, foi criada uma infinidade de obras com o mesmo formato e objetivos. Uma das mais importantes foi o *Information Please Almanac*, cuja primeira edição data de 1947. Nos anos 1990, muitas empresas jornalísticas americanas começaram a publicar almanaques semelhantes ao *The World*. Alguns exemplos: o *The New York Times Almanac: The Almanac of Record* e o *The Wall Street Journal Almanac*. Todas essas obras eram feitas de papel jornal em preto e branco, encarte com mapas, letras pequenas e formato de livro pequeno (20,5 cm x 13,5 cm, com espessura de 4 cm), semelhantes a uma Bíblia popular. Estes lançamentos podem ser explicados como resultado da facilidade, fruto da informatização dos departamentos de pesquisa, de organizar bancos de dados e publicá-los em um formato barato.

Na França e na Espanha não existem, atualmente, obras desse tipo denominadas *almanaque*. A principal razão para isso, pelo menos no caso francês, é que, a partir do século XVIII, os editores desse tipo de obra preferiram chamá-la de anuário, pois a denominação *almanaque* não dispunha de uma grande reputação. Porém, há, na França, vários livros de referência de caráter geral,

²¹ Em 1968, afirmava-se que a publicação era “compendium of universal knowledge”. THE WORLD ALMANAC: and book of facts (Estados Unidos). 1967, p. 4.

como o *Quid* e o *État du Monde* (também editado em espanhol)²². Na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Alemanha os almanaques gozavam, desde o século XVI, de grande prestígio frente às elites intelectuais, sendo que justamente nesses países encontramos, ainda hoje, anuários denominados *almanaque*. A partir dos anos 1990, os “novos” almanaques procuraram condensar e organizar um grande número de informações sob as quais os leitores estariam submetidos em razão da disseminação da informática e da *Internet*.

Em 1954, começou a circular na América Latina o *Almanaque Mundial: enciclopedia anual de datos útiles y conocimientos prácticos. El dato que usted busca... al alcance de su mano*²³. A edição para o ano de 1974 também afirmava: “un mundo de informacion a la vista. Dicionario Geografico. Preparado bajo la dirección de Eduardo Cárdenas”. Vários indícios levam a crer que o periódico foi vendido várias vezes. Desde os anos 1990 ele é propriedade da Editora Televisa (México), que distribui o anuário para toda a América Latina, menos para o Brasil. No México, América Central, Colômbia e Venezuela esse almanaque sempre teve grande prestígio. Encontram-se, na América Latina, outros almanaques que pretendem concorrer com o *Almanaque Mundial*, sendo que um deles é o *Almanaque Anual*, publicado na Colômbia pelo Editorial Cinco. Este almanaque tem como modelo inicial o *Almanaque Abril*²⁴.

A versão em portuguêsês do *Almanaque Mundial: o mundo em suas mãos* surgiu no ano de 1960, com seiscentas páginas em média e com o tamanho padrão de um livro comum ou uma Bíblia

²² Ver os verbetes “almanach” e “annuaire” em FOUCHÉ, Pascal (Dir.). *Dictionnaire Encyclopédique du Livre*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002.

²³ Em 2002, o *slogan* da publicidade do *Almanaque Abril* afirmava “a informação que você precisa sempre à mão”.

²⁴ Entrevista Pablo Cavijo, 05/01/2003, diretor do “Almanaque Anual”.

popular. O anuário continha quatorze seções, com o resumo de cada uma entre parênteses. O diretor era Eduardo Cárdenas, também diretor da revista *Seleções*, como na versão latina. Os assuntos tratados pelo *Almanaque Abril*, em sua primeira edição, eram basicamente os mesmos do *Almanaque Mundial*²⁵. Observa-se que as temáticas referentes ao calendário propriamente dito, que eram muito importantes nos primeiros exemplares, foram perdendo espaço, principalmente na década de noventa. Como quase todas as publicações deste estilo, uma de suas características é a presença de curiosidades, mapas, bandeiras, resenha do ano que passou e aspectos do conhecimento enciclopédico.

Outra publicação semelhante que existia no Brasil na década de 1970 era o *Almanaque de Seleções: a enciclopédia compacta*, publicada com mais de mil páginas. Portanto, na América Latina, essa tradição de almanaques, publicados por empresas jornalísticas com vista a oferecer dados sobre todos os países do mundo, instalou-se à medida que o processo de urbanização e industrialização ganhou grandes dimensões, em parte, fruto dos novos rumos que a modernidade-mundo²⁶ tomou após a Segunda Guerra Mundial²⁷.

²⁵ As seções com alguns dos seus respectivos resumos eram as seguintes: “Seção noticiosa – Biografias ilustradas de 60 figuras mundiais do ano (novo); fatos importantes de 1958-1959 (novo); Mapas – Novos mapas de todas os continentes com as últimas alterações políticas; Nações do Mundo – dados novos e atualizados (...) –; Conhecimentos Gerais; Organizações Internacionais; – Ind. Comércio e Comunicações; Seção histórica; Jornalismo; Geografia e demografia; Pesos e medidas; Astronomia; Seção de esportes; Calendário e assuntos religiosos”. *Almanaque Mundial 1960*, p. 2.

²⁶ Ver CHESNEAUX, Jean. *Modernidade-Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995. Ver, também, GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

²⁷ Sobre os novos rumos da modernidade-mundo após a 2ª Guerra, ver ORTIZ, Renato. *Um Outro Território*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

Acreditamos que, no século XX, o sub-gênero dos almanaques urbanos e enciclopédicos procurou acompanhar o desenvolvimento da “modernidade-mundo”, com a intensificação da modernização capitalista, a globalização e a radicalização do projeto moderno. Nesse sentido, sustentamos que os almanaques se transformam, no século XX, em espaços de preservação da memória, apesar do envolvimento das sociedades contemporâneas na perpetuação de seu próprio presente²⁸.

Publicações como o *Almanaque Abril*, que pretendiam ser anuários de referência de caráter geral, distinguem-se dos “antigos” “almanaques urbanos enciclopédicos” por se apresentarem em grandes formatos e com grande número de páginas. Dentre outros motivos, também por serem publicados (em geral) por grandes casas jornalísticas e não por editoras especializadas²⁹. Não podemos afirmar que os “novos” almanaques também se dirigiam, como os almanaques ditos “populares”, a um público pouco alfabetizado, com pouco contato com a leitura e com o mundo dos livros. Percebe-se, por exemplo, que o *Almanaque Abril* guardava uma boa distância em relação aos almanaques direcionados a um público “popular”, sendo que, no Brasil, os impressos mais conhecidos deste gênero editorial foram os almanaques de farmácia³⁰.

A ausência de referência ao sub-gênero, no que diz respeito aos almanaques urbanos e enciclopédicos nos dicionários

²⁸ John Thompson afirma que as tradições não desaparecem com a modernidade, elas são reinventadas. THOMPSON, John. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

²⁹ Ver SARRAZIN, Veronique. *Les Almanachs parisiens au XVIIIe siècle: production, commerce, culture*. Thèse de l'Université de Paris I, sous la dir. De D. Roche, 1997.

³⁰ Sobre os almanaques de farmácia, ver CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque*. Um Estudo Semiótico. Belo Horizonte: UFMG, 1996 e PARK, Margareth Brandini. *História e Leitura de Almanques no Brasil*. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

de língua portuguesa, é um indício de que esse tipo de almanaque não era muito conhecido no Brasil. Além disso, a referência ao caráter pejorativo da palavra *almanaque* mostra a força que os almanaques ditos “populares” alcançaram no país. A edição 1925 do *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*, por exemplo, afirmava: “Almanach, s.m. calendário contendo os dias do anno, festas, luas etc. Por ext. livrinho publicado annualmente, e contendo alem do calendario, indicações sobre diferentes, anedoctas, poesias”³¹.

Uma definição próxima a essa podia ser encontrada na edição 1999 do *Dicionário Aurélio*, a saber: “publicação que, além de um calendário completo, contém matéria científica, literária, informativa e, às vezes, recreativa e humorística. (...). De almanaque. Diz-se de cultura, saber, conhecimento, imperfeitos, precários, superficiais”³². A única diferença em relação à outra definição é justamente a menção ao sentido pejorativo. Como se vê, apesar da pluralidade do gênero editorial e de sua evolução ao longo do século XX, os dicionários da língua portuguesa apresentam uma definição restrita da palavra. Percebe-se que o gênero é definido a partir dos almanaques de “variedades” e/ou “científicos” do final do século XIX e início do século XX, como o *Almanaque Bertrand*. O mais recente dicionário da língua portuguesa, o *Dicionário Houaiss*, amplia o sentido da palavra, mas não completamente, a saber:

Almanaque (...) 1. Calendário com os dias e os meses do ano, os feriados, as luas, as festas etc.; 2. Folheto ou livro que, além do calendário do ano, traz diversas indicações úteis, poesias, trechos literários, anedotas, curiosidades etc. 3. Edição especial, mais volumosa, de revista (esp. de histórias em quadrinhos), publicados de forma esporádica

³¹ AULETE. *Dicionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Lisboa 1925, p. 95.

³² AURÉLIO. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 101.

ou periódica. 4. Anuário genealógico e diplomático que contém as genealogias das famílias reinantes e principesca, além de outras informações. 5. Por indivíduo falador; linguarudo. *a. astronômico* (...). *a. náutico*. (...). *de a. superficial*, imperfeito (falando-se de cultura, conhecimento, saber, humor etc.)³³.

É interessante notar que o sentido principal da palavra continua sendo o dos almanaques de “variedades” e/ou “científicos”. Os anuários genealógicos e diplomáticos são lembrados, mas os almanaques de farmácia e os enciclopédicos, como *Almanaque Abril*, não são mencionados³⁴. Apesar da importante inclusão das edições especiais de revistas em quadrinhos (cuja longa tradição remonta ao *Almanaque Tico-Tico*), ficou de fora o sentido de variedade, cuja presença é, no entanto, significativa na mídia brasileira³⁵. A palavra significando uma publicação que contém, além de variedades, todo o conhecimento sobre um determinado tema ou assunto também não é ressaltada³⁶.

Mesmo tendo existido na França uma perda de prestígio da palavra *almanaque*, muito em função do caráter pejorativo associado ao gênero editorial, a palavra é definida pelos dicionários da língua francesa de forma mais aberta, no sentido de contemplar

³³ DICIONÁRIO HOUAISS da Língua Portuguesa. RJ: Objetiva, 2001, p. 45.

³⁴ Nem mesmo o sentido de almanaque de auto-ajuda como o *Almanaque do Pensamento*, existente no mercado brasileiro desde 1912, é mencionado.

³⁵ A revista *Época*, os jornais *Folha de São Paulo* e *O Tempo* têm seções *Almanaque*. O canal *Globo News* tem também um programa de mesmo nome. A *Revista de História* da Biblioteca Nacional apresenta uma seção homônima. Além disso, a companhia aérea TAM edita uma revista de variedades de bordo, denominada *Almanaque Brasil*, que pretende resgatar o “espírito” dos almanaques de variedades.

³⁶ Este sentido é muito usado em publicações esportivas como o *Almanaque do Corinthians* e do *Flamengo*, e em vários sites sobre times de futebol.

a pluralidade do gênero. O dicionário *Le Petit Robert*, por exemplo, afirmava:

1. calendário acompanhado de observações astronômicas, de previsões meteorológicas, de conselhos práticos relativos aos trabalhos a serem feitos segundo as estações. Agenda, efemérides. Os antigos almanaques ilustrados. O *Almanach des Muses* que continha poesias; 2. nome de diversos anuários e publicações que tenham vagamente por base o calendário. O *Almanach de Gotha*: anuário genealógico e diplomático. *L'Almanach Vermot* célebre por suas piadas populares³⁷ (grifo nosso).

De todo modo, há 250 anos os editores de almanaques urbanos parisienses também procuravam se distinguir da tradição de almanaques “populares”, criando uma série de estratégias. Uma propaganda de um desses almanaques, de 1762, por exemplo, afirmava: “o que é um almanaque hoje? É um pequeno livro, onde se apresenta ao leitor (...) uma leitura mais séria (...)”³⁸. Nota-se que a reputação de livro de origem “popular” continuava. “Portar o nome de almanaque, não deixava de ser um primo do *Almanach de Liège* e do *Messenger Boiteux* (...). A consciência desta mutilação se exprime em vários prefácios onde os editores se esforçam em distinguir seus livros dos almanaques populares”³⁹. Uma outra peça publicitária de um almanaque urbano, de meados do século XVIII, afirmava que o número de almanaques sérios e úteis poderia ser reduzido a três ou quatro⁴⁰. Esse tipo de argumento defensivo, além de mostrar que o almanaque era um gênero editorial de má reputação, servia para distinguir, por contraste, os

³⁷ *Le Petit Robert*, 1998, (CD-ROM).

³⁸ SARRAZIN, Veronique. *Les Almanachs parisiens au XVIIIe siècle: production, commerce, culture*. Thèse de l'Université de Paris I, sous la dir. De D. Roche, 1997, p. 18.

³⁹ *Ibidem*, p. 42.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 653.

almanaques que pretendiam ser “sérios” dos “populares”. Mas entre a “vergonha” de ser um almanaque e a vantagem de uma forma editorial barata e rentável, os editores do século XVIII optaram por se localizar nessa ambigüidade.

Almanaque Abril: estrutura dos conteúdos

Sessenta por cento da primeira edição do *Almanaque Abril* foi uma tradução do *The Official Associated Press Almanac*⁴¹. Os 40% restantes, referentes a assuntos brasileiros, foram editados pelo Departamento de Documentação da Editora Abril, o DEDOC. A edição brasileira preservou a tradição presente no almanaque americano, que remontava ao século XVIII, da obra receber o nome da casa editorial que a publicava, daí *Almanaque Abril*. Dividido em 29 capítulos, o *Almanaque* utilizou, até a edição 1996, o papel jornal, considerado um dos mais baratos e de baixa qualidade. O tamanho original (15 cm de largura por 23, 5 cm de comprimento) foi mantido até 2001.

Em todas as edições analisadas, percebe-se uma escrita padronizada, dando a impressão de que a obra foi redigida do início ao fim pela mesma pessoa. No Brasil, esse modelo de jornalismo ganhou força a partir do lançamento da revista *Veja*, em 1968: “o fato de selecionarem e organizarem a notícia e a forma impessoal e objetiva de expor os fatos dão a entender que o que se lê é uma avaliação neutra dos fatos”⁴². O leitor moderno necessitava, na concepção de certos editores, do máximo de informações no mínimo de tempo possível. Com essa idéia, a revista americana *Time* foi criada em 1923. “*Time* ou *Veja* ocupam, no mundo das revistas, o mesmo lugar que o *fast food* em

⁴¹ *The Official Associated Press Almanac 1975. Successor to The New York Times Encyclopedic Almanac. Maplewood, Hammond Almanac, Inc., 1974.*

⁴² MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a Banca de Revista: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olhos d' Água/Fapesp, 2001, p. 89.*

relação aos hábitos alimentares: correspondem a um novo hábito de leitura que se introduz em um momento de modernização econômica das sociedades atuais”⁴³. *Veja* e quase todas as publicações da Abril foram criadas em um contexto no qual a informação tem grande valor e não se pode perder tempo. Para fornecer ao leitor “o máximo de informação em um mínimo de tempo” era preciso uma certa padronização, daí ser possível falar em *fast news*⁴⁴. Assim como o “homem moderno” não tem muito tempo para se alimentar e necessita de comida rápida, o “leitor moderno”, também precisaria de informações rápidas e sintéticas sobre a atualidade. O resultado, em ambos os casos, é a padronização presente nas páginas tanto do *Almanaque Abril* como nas do *The Official Associated Press Almanac*.

Uma comparação entre os protocolos de edição (por exemplo a diagramação, o tamanho das letras, o encarte com mapas, a cor de fundo) do almanaque da *Associated Press* e os do *Almanaque Abril* mostra uma semelhança muito grande. Os capítulos não seguem a mesma ordem, mas são basicamente os mesmos. A estrutura básica dos conteúdos abordados nas trinta e duas edições (1975-2006) do *Almanaque Abril* esteve presente desde o primeiro número. A maior variação consistiu no abandono progressivo das questões relativas às ciências físicas e biológicas. Basicamente eram quatro as temáticas trabalhadas: 1) Retrospectiva do ano que passou; 2) Brasil; 3) Mundo; e 4) Conhecimentos Gerais.

Mesmo tendo identificado quatro temáticas básicas ao longo das edições do *Almanaque Abril*, é necessário enfatizar que nem sempre elas apareciam de forma tão evidente. Na primeira edição, percebemos que a retrospectiva *do ano anterior* era trabalhada no capítulo referente à “Cronologia 1973/1974”,

⁴³ *Ibidem*, p. 86.

⁴⁴ MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a Banca de Revista: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olhos d' Água/Fapesp, 2001.

“Destaques” e “Obituário”. Os assuntos referentes ao *Brasil* eram tratados nos capítulos “Brasil, História e Governo”; “Brasil, Geografia”; “Brasil, População”; “Brasil, Criminalidade”; “Brasil, Orçamento”; “Estados e Territórios”; “Cidades Brasileiras”; “Educação”; “Saúde Pública e Medicina”; “Transporte e Turismo”; “Assuntos Militares” e “Economia e Trabalho”. As informações sobre o mundo estavam concentradas nos seguintes capítulos: “Assuntos Diplomáticos”; “Nações do Mundo” (maior capítulo, com 141 páginas) e “Mapas”. Os mapas encontravam-se inseridos em um encarte que contava com dezesseis páginas coloridas. Os *conhecimentos gerais* eram tratados, em geral, nas seguintes seções: “Ciências”; “Estrelas e Planetas”; “Terra: Fatos e Números”; “Grandes Desastres”; “Meios de Comunicação”; “Artes”; “Prêmios”; “Religiões”; “História Antiga e Moderna” e “Esportes”.

No primeiro número, muitas vezes, alguns assuntos referentes ao Brasil e ao mundo estavam no mesmo capítulo. No capítulo “Religiões”, por exemplo, havia um título sobre “Personagens da Religião no Brasil” e outro sobre “Filósofos, Teólogos e Religiosos no Mundo”. No capítulo sobre “Economia e Trabalho” havia um grande número de informações sobre o Brasil, mas também alguns títulos sobre o mundo, como por exemplo, “Taxa de Inflação dos Principais Países Ocidentais”, “Energia Elétrica no Mundo” e “As Maiores Empresas Industriais do Mundo”. As informações sobre o Brasil também se misturavam com as de conhecimentos gerais. No capítulo sobre “Saúde Pública e Medicina”, por exemplo, havia informações sobre “Doenças Transmissíveis no Brasil” e “Câncer no Brasil” junto a informações sobre “Peso Médio dos Vários Órgãos Humanos” e “Glossário Médico e Psiquiátrico”.

Hibridação e *Almanaque Abril* (1975-2006)

Nestor García Canclini define hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas e práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”⁴⁵. Entendemos, nesse sentido, que o *Almanaque Abril* é uma publicação que possui um caráter híbrido por combinar elementos da tradição da literatura de almanaques e da tradição jornalística e editorial brasileiras com elementos presentes na literatura de almanaques urbanos enciclopédicos, especialmente os da tradição da literatura de almanaques e os da tradição jornalística e editorial americanas. A tensão presente na fronteira entre essas duas tradições marcaram a história editorial do *Almanaque Abril* conforme mostraremos a seguir.

Sheila Mazzolenis trabalhou no *Almanaque Abril* até a edição 1990. Ela afirmou que a palavra almanaque significava, “na cabeça das pessoas, um lugar em que caberia qualquer tipo de informação que você quisesse dar. Desde informações sérias até receita de bolo, como era nos almanaques antigos”⁴⁶. É daí que, provavelmente, surge a força do *Almanaque Abril*. Ele não é, pois, somente herdeiro de uma forma editorial que permite colocar tudo em seu interior, mas também de uma ambigüidade relativa à desvantagem simbólica *versus* a vantagem editorial da forma almanaque, que caracteriza os almanaques urbanos e enciclopédicos do século XVIII francês. Essa ambigüidade perpassa toda a trajetória de produção do *Almanaque*.

Nos idos de 1950, Samuel Dirceu, primeiro editor do *Almanaque Abril*, iniciou suas atividades jornalísticas escrevendo em jornais mineiros, como *Diário Católico*, *Binômio*, *Correio da Manhã* e *Diário de Minas*. Desde então, tomou contato com os

⁴⁵ CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2006, p. XIX..

⁴⁶ Sheila Mazzolenis, entrevista ao autor, 24/01/2002.

almanaques americanos, como o *Information Please* e *The World Almanac*; e obras similares produzidas por jornais brasileiros, como o *Almanaque Correio da Manhã*: “Eu comprava todo ano. Eram livros de cabeceira”. Em meados da década de sessenta, foi convidado a trabalhar no Departamento de Documentação do *Jornal do Brasil*. Alguns anos depois, já era o diretor desta seção, mas depois se transferiu para o *Jornal da Tarde*, ocupando o cargo de sub-editor. Em 1968, foi convidado a criar o Departamento de Documentação da Editora Abril (DEDOC) para dar suporte ao novo lançamento da Abril, a revista *Veja*. Em meados de 1973, Samuel Dirceu foi chamado à sala do filho do fundador da Editora Abril, Roberto Civita, que teria dito: “tem aqui um almanaque (provavelmente um almanaque americano), você acha que o DEDOC pode fazer?” Segundo ele, era seu sonho fazer uma obra como aquela e a editora oferecia toda a estrutura necessária para a realização desse sonho⁴⁷.

Sheila Mazzolenis, uma das jornalistas que trabalhou no primeiro número do *Almanaque*, afirmou que, em 1973, “começou a se pensar que dentro do DEDOC havia uma quantidade de informações que não era desprezível e não era inteiramente utilizada pelas publicações da Editora Abril”⁴⁸. Levando em consideração essa necessidade de receita para o departamento de documentação, percebemos que a idéia de fazer um almanaque foi adequada.

O almanaque da *Associated Press* foi escolhido para ser o “almanaque-mãe”, segundo o primeiro editor, Samuel Dirceu, pois essa agência tinha contratos e relações comerciais com a Editora Abril. Assim, a aquisição dos direitos foi fácil e barata. Segundo ele, *almanaque* era o nome ideal para se tratar de temas jornalísticos, temas de cultura geral e curiosidades em uma mesma obra. Dirceu acreditava que um almanaque poderia se mostrar para

⁴⁷ Samuel Dirceu, entrevista ao autor, 28/01/2002.

⁴⁸ Sheila Mazzolenis, entrevista ao autor, 24/01/2002.

o público como uma obra séria, apesar do caráter pejorativo que envolvia as publicações “populares” desse gênero editorial. Neste sentido, o *Almanaque Abril* seguiu a tradição de algumas empresas jornalísticas que faziam livros do ano e denominavam a publicação de *almanaque*.

O jornalista Lauro Machado Coelho, que trabalhou em vinte edições do *Almanaque Abril*, afirmou que foi contra a utilização do nome *almanaque* por acreditar que o conceito do *Almanaque* não seria bem compreendido pelos leitores. Segundo ele:

(...) o Samuel Dirceu percebeu que era necessário ter uma publicação que ao mesmo tempo utilizasse a mão-de-obra do DEDOC e fosse uma espécie de compactação do trabalho (do DEDOC) (...). Foi aí que surgiu a idéia de fazer um almanaque. *Não um almanaque de variedades, tipo almanaque de farmácia*. Mas um trabalho sério, mais livro de referência mesmo, com informações não só por coisas permanentes, mas sobre atualidade. A idéia inicial (...) foi adaptar e traduzir um almanaque americano (...) já havia (principalmente nos E.U.A.) uma tradição de livro de referência chamada *almanaque*. *Eu fui contra esta idéia (do nome ser almanaque), (...) (porque para) o leitor brasileiro almanaque está ligado à idéia de almanaque de farmácia. Ao longo de toda a nossa história, nós recebíamos muitas cartas de leitores que perguntavam por que a gente não tinha palavras cruzadas, charadas e piadas*. Também está arraigado (...) que *almanaque* é algo próximo ao *Almanaque Mariana* que você descobre se vai ou não chover, onde você encontra receita para tirar mancha. Além disto, *com freqüência na cabeça do leitor, almanaque dá uma idéia não muito séria*”⁴⁹.

Para Lauro Machado Coelho, o nome *almanaque* foi escolhido para a nova publicação em função de uma tradição que não era brasileira. Percebemos aí um certo exagero. De fato, a

⁴⁹ Lauro Machado Coelho, entrevista ao autor, 09/01/2002. (Grifo nosso).

tradição derivada dos almanaques urbanos e enciclopédicos não era hegemônica no interior da literatura de almanaques conhecidos no Brasil. Porém, como mostramos, havia uma série de almanaques deste sub-gênero que circulavam no Brasil no momento da publicação do anuário da Editora Abril. Nota-se que o referido jornalista procura *diferenciar* o *Almanaque Abril* dos almanaques considerados “populares”.

A expressão *cultura de almanaque* é uma forma de demarcação de território entre o erudito e o popular. Entretanto, alguns trabalhos mostram que, ao contrário do que pensam os defensores da “Cultura”, os almanaques de farmácia desempenharam um importante papel cultural no Brasil, principalmente quando se leva em conta o relato dos leitores destas obras. O preconceito contra o almanaque, visto como um gênero “popular”, implicou em sua desconsideração como produto de importância cultural. Sendo assim, Margareth Park sustenta que o rótulo *cultura de almanaque* precisa ser revisto e repensado⁵⁰.

No mesmo sentido, o diretor estratégico da publicação por várias edições, Celso Nucci, afirmou que a tradição brasileira de almanaques se apresentava em “publicações estimadas pelo povo, mas tidas como de segunda linha pelos editores intelectualizados”⁵¹. Para ele, nos Estados Unidos, os almanaques

⁵⁰ PARK, Margareth Brandini. *História e Leitura de Almanques no Brasil*. São Paulo: Mercado de Letras, 1999. Para uma análise do desejo de se diferenciar das “classes inferiores”, ver BOURDIEU, Pierre. “Gostos de Classes e Estilos de Vida”. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. Sobre a relação entre os conceitos de erudito e popular, ver CHARTIER, Roger. *Culture écrite et société. L’Ordre des Livres (XIVe – XVIIIe siècle)*. Paris: Abin Michel, 1996 e CERTEAU, Michel de; JULIA, Dominique; REVEL, Jacques. A beleza do morto. In: CERTEAU, Michel. *A Cultura no Plural*. São Paulo: Papirus, 1995. Sobre os almanaques de farmácia, ver CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque*. Um Estudo Semiótico. Belo Horizonte: UFMG, 1996 e PARK, Margareth Brandini. *História e Leitura de Almanques no Brasil*. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

⁵¹ Celso Nucci Filho, entrevista escrita ao autor, 29/04/2002.

são publicações de referência sérias e que vendem muitos exemplares: “almanaque lá nada tem a ver com a tradição de almanaque aqui”⁵². Esse sempre foi um dos maiores problemas enfrentados pelo *Almanaque Abril*: “impor-se como uma publicação séria frente aos leitores, apesar de ostentar no título a palavra *almanaque*”⁵³. Celso Nucci apontou que muitas pesquisas mostraram que os leitores não consideravam uma publicação que se chamava *almanaque* como uma fonte de referência confiável. Contudo,

nós o considerávamos tão sério que uma vez colocamos a frase “A enciclopédia em um só volume”, certos de que ele realmente preenchia essa função para muita gente que não precisava de uma enciclopédia em cinquenta volumes. Ele trazia o essencial de uma enciclopédia para satisfazer muita gente. Realmente, *ele era um competente resumo das informações sobre o Brasil e o mundo*. Principalmente porque as informações no Brasil são dispersas e desarticuladas. Quem se dedique a (...) editar essas informações ditas de referência, em qualquer área faz um grande trabalho e tem muita chance de ser bem aceito no mercado. *Há muita gente que precisa de informação de boa qualidade*⁵⁴.

Na mesma direção, Sheila Mazzolenis, afirmou que desejava que a publicação fosse mais utilizada pelas redações jornalísticas: “gostaria que ele fosse mais usado nas redações. Mas a visão preconceituosa da imprensa em relação ao *Almanaque Abril* era muito grande”⁵⁵. Para a jornalista a obra apresentava uma visão enciclopédica e paradidática: “procurávamos ser enciclopédicos, mas o *Almanaque Abril* era uma obra híbrida e

⁵² *Ibidem*.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵ Sheila Mazzolenis, entrevista ao autor, 24/01/2002.

única. Mostrava o que havia acontecido no ano [livro do ano], mas havia uma perspectiva e uma intenção de dar uma abordagem histórica e queríamos que se facilitasse a pesquisa escolar”. Ainda que as informações não fossem aprofundadas, elas “davam uns toques para o estudante”. “Naquela época havia um clima de se começar a popularizar a informação enciclopédica. As pessoas precisavam de informação. Elas queriam e nós queríamos informar. Hoje você tem a informação na sua casa”⁵⁶. Percebe-se, desse modo, que as hibridações não são sinônimas de fusões sem contradições. Além de se situar na contraditória fronteira entre ser “sério” e “popular”, o *Almanaque* é produto e ator de uma das contradições latino-americanas, pois como mostra Canclini “a ‘socialização’ ou democratização da cultura foi (na América Latina) realizada pelas indústrias culturais”⁵⁷.

Percebemos, também, como as construções culturais de nacional e estrangeiro são constantemente hibridizadas pela obra. A título de exemplo utilizaremos a posição ocupada, no conjunto total da obra, pelos capítulos de “História do Brasil” e de “História Geral”. Na primeira edição, a “História do Brasil” era o terceiro capítulo da publicação; em 1979 era o décimo sexto; em 1982, o segundo; em 1983, o primeiro; em 1984, o quarto; em 1985, o quinto; em 1986, o sétimo; em 1989, o quarto; em 1993, o décimo segundo; em 1994, o quarto; em 2001, o décimo oitavo; e em 2004, o vigésimo terceiro. Em linhas gerais, somente a partir da edição 1999 existiu uma tendência a deixar esses capítulos no final da publicação. A mesma rotatividade pode ser observada em relação ao capítulo sobre “História Geral”. Na primeira edição, ele era o vigésimo terceiro capítulo; em 1979, o décimo terceiro; em 1982, o vigésimo; em 1983, o décimo primeiro; em 1984, o oitavo; em 1985, o décimo quarto; em 1990, o vigésimo terceiro;

⁵⁶ Sheila Mazzolenis, entrevista ao autor, 24/01/2002.

⁵⁷ CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias prar entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 97.

em 1992, o décimo terceiro; em 2000, o terceiro; em 2002, o nono; e em 2004, o vigésimo quarto. Pode-se dizer que esses constantes rearranjos foram uma estratégia editorial que contribuiu para a criação de uma expectativa no leitor de que o *Almanaque* era dinâmico e transformava-se constantemente.

A separação da história em “História do Brasil” e “História Geral” e a rotatividade entre os capítulos são indicativos de uma tensão que permeia a trajetória da publicação. No século XIX, boa parte dos almanaques intensificou o foco nos eventos históricos e políticos do seu tempo, principalmente tendo em vista a idéia de criar uma unidade nacional⁵⁸. A partir do início do século XX, no entanto, percebe-se o surgimento de uma tensão entre o nacional e o mundial nos “novos” almanaques. Acreditamos, nesse sentido, que o *Almanaque* serviu a dois dos vários sentidos da noção de “comunidades imaginadas”⁵⁹: a nacional e a mundial.

A publicação foi uma das poucas obras de referência produzidas no Brasil com várias informações atuais e estatísticas, dados que pretendiam “localizar” e fornecer aos seus leitores os acontecimentos do “mundo-como-um-todo”⁶⁰. Todas as capas, até a divisão Brasil e Mundo feita em 2001 – divisão indicativa da referida tensão – alternavam imagens do globo com imagens de bandeiras sobre países. A capa da edição 1977 sintetizou essa dimensão, na medida em que o globo foi representado por bandeiras nacionais. Assim, houve vários arranjos, ao longo da

⁵⁸ GREILICH, Susanne; LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. La représentation des guerres de Libération allemandes dans l'almanach du genre *Messenger Boiteux*. LÜSEBRINK, Hans-Jürgen; MOLLIER, Jean-Yves; GREILICH, Susane (Dir.). *Presse et événement: journaux, gazettes, almanachs (XVIIIe-XIXe siècle)*. Bern: Lang, 2000.

⁵⁹ Ver ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

⁶⁰ ROBERTSON, Roland. Globalização: Teoria Social e Cultura Global. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura Global*. Petrópolis: Vozes, 1994.

história da edição do *Almanaque*, que pretendiam distribuir os conteúdos referentes ao Brasil, ao mundo e aos conhecimentos gerais (a cronologia do ano em quase todas as edições foi o primeiro capítulo). Se subtrairmos o período em que o *Almanaque* esteve dividido em dois volumes (edições 2001, 2002, 2003, 2005 e 2006), e o período da ordem alfabética (1996, 1997 e 1998), tem-se, do total de 24 edições, 11 em que os capítulos de história foram vizinhos ou estiveram separados apenas por um capítulo. Assim, com ligeiras variações, ora os capítulos de história estavam distantes, pois a “História do Brasil” estava inserida na parte que tratava do Brasil e a “História Geral” na parte que tratava do mundo; ora estavam próximas, já que o arranjo não obedecia à divisão “Brasil” e “Mundo”. A tensão entre o nacional e o global talvez seja o principal motivo pelo qual a publicação se transforma tanto, se comparada às suas “irmãs” estrangeiras. Os almanaques americanos, canadenses, alemães, ingleses e italianos consultados, bem como os anuários franceses, contam a história a partir de uma perspectiva nacional. Além disso, as informações relativas à cultura geral também são vistas dentro de uma perspectiva mais nacionalista em comparação ao *Almanaque Abril*. Percebemos, assim, que o *Almanaque* é mais um dos produtos culturais resultado da combinação e sínteses de diversas tradições. Múltiplas temporalidades, fruto, em grande parte, da nossa tradição intercultural e editorial, combinam-se formando esse impresso singular.

Considerações finais

A Editora Abril apostou em um sub-gênero da literatura de almanaques pouco conhecido no Brasil. Porém, beneficiou-se da popularidade de um gênero editorial que já tinha gozado de

grande difusão e utilização no país⁶¹, mesmo que estivesse em decadência em âmbito mundial⁶². Se levarmos em conta o artigo publicado na revista *Realidade* sobre o *Almanaque Abril*, em 1974, na época de seu lançamento, perceberemos que havia uma preocupação em relacioná-lo, por um lado, a obras de prestígio mundial, tais como *Almanaque da Associated Press*, o *Information Please* (Estados Unidos), o *Whitaker* (Inglaterra) e o *Quid* (França), e por outro à popularidade dos almanaques tradicionais, pois afirmava-se: “os almanaques existem desde os tempos imemoriais”⁶³. Pouco a pouco, a publicação conseguiu impor-se

⁶¹ Ver DUTRA, Eliana. *Rebeldes Literários da República: História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005; PARK, Margareth Brandini. *História e Leitura de Almanques no Brasil*. São Paulo: Mercado de Letras, 1999; CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque. Um Estudo Semiótico*. Belo Horizonte: UFMG, 1996; GOMES, Ana Claudia. *Almanaque das Senhoras (1871-1927) e um projeto de acesso feminino a cultura letrada*. Belo Horizonte: UFMG (Dissertação de Mestrado em História), 2002; MEYER, Marlyse (Org.). *Do almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001; LÜSEBRINK, H.-J.; MIX, Y.-G.; MOLLIER, J.-Y; e SOREL, P. Sorel (Dir.). *Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques (XVIIe-XXe siècle)*, Bruxeles: Complexe, 2003; ALMEIDA, Ruth Trindade. *Almanques populares do Nordeste*. Recife: UFPE (Dissertação de Mestrado em Antropologia), 1981.

⁶² Essa perda do prestígio e da popularidade do gênero foi um processo que ocorreu em vários países desde fins do século XIX. Segundo Mollier, houve, no final do século XIX, uma progressiva diminuição de títulos de almanaques. O desenvolvimento das linhas ferroviárias, da escola, da imprensa e de coleções de livros a bom preço contribuíram para condenar o gênero à morte. MOLLIER, Jean-Yves. Introduction. In: LÜSEBRINK, H.-J.; MIX, Y.-G.; MOLLIER, J.-Y; e SOREL, P. Sorel (Dir.). *Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques (XVIIe-XXe siècle)*, Bruxeles: Complexe, 2003, p. 206. Depois da segunda metade do século XX, a quantidade de títulos produzidos no Brasil declina, porém o gênero ainda hoje tem diversos representantes com larga aceitação.

⁶³ “Um livro com um milhão de informações: no ‘*Almanaque Abril*’ os grandes acontecimentos do ano”. In: *Realidade*. São Paulo: Editora Abril, 00/11/74. No. 104, p. 111-113.

como um tipo de almanaque diferente dos conhecidos da maior parte público brasileiro.

Analisando alguns tipos de almanaque populares, Hans-Jürgen Lüsebrink afirma que a análise intercultural de impressos de larga circulação merecem uma atenção especial pois os almanaques “populares” na Europa e nas Américas não estavam ligados as tradições culturais lingüísticas e a ambientes etno-culturais fixos; e sim a modelos e gêneros textuais transculturais. O autor ainda destaca que o fenômeno das traduções interculturais desempenharam um papel importante para a estrutura e desenvolvimento do gênero editorial⁶⁴. Os contatos e transferências entre culturas diversas e transnacionais marcam parte da história dos almanaques “populares” “à imagem dos seus editores, que tinham freqüentemente em vista um mercado transfronteiriço (*transfrontalier*) e transcultural e de seus vendedores que difundiam essa mídia, por definição porosa e multiforme, transgredindo de várias formas as fronteiras estabelecidas entre as línguas e as culturas”⁶⁵. Nossa pesquisa sobre esse produto de “massivo” que é o *Almanaque Abril* nos dá elementos para pensar que os almanaques contemporâneos de alguma forma herdaram, na longa duração, as características transculturais e transnacionais de parte da tradição dos almanaques “populares” e “eruditos”, indicando mais uma vez que as fronteiras intra e inter culturais são flexíveis nas práticas sociais e nos processos históricos.

⁶⁴ LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. Traduire l'almanach populaire: essai de typologie et mise em perspective socio-culturelle. In: LÜSEBRINK, H.-J.; MIX, Y.-G.; MOLLIER, J.-Y; e SOREL, P. Sorel (Dir.). *Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques (XVIIe-XXe siècle)*, Bruxelles: Complexe, 2003, p. 145.

⁶⁵ LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. Conclusion. LÜSEBRINK, H.-J.; MIX, Y.-G.; MOLLIER, J.-Y; e SOREL, P. Sorel (Dir.). *Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques (XVIIe-XXe siècle)*, Bruxelles: Complexe, 2003, p. 347.

Mateus H. F. Pereira. Doutor em História pela UFMG, professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/FUNEDI). E-mail: matteuspereira@gmail.com.

Data de recebimento: 04/02/2009

Data de aceite: 15/08/2009